

Rituais verbais, *poder* e *identidades discursivas*: estratégias discursivas de consolidação da relação interlocutiva em programas de rádio

Verbal rituals, *power* and *discursive identities*: discursive strategies of consolidation of the interlocutive relationship in radio broadcasts

ALMEIDA, CARLA
calmeida@uab.pt

Professora Auxiliar do Departamento de Humanidades da Universidade Aberta – Portugal;
Investigadora do Instituto de Sociologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto

PALAVRAS-CHAVE:
ato ilocutório;
estratégia discursiva;
programas de conversas telefónicas na rádio,
ordem interacional.

RESUMO: Tendo por base um *corpus* de interações verbais presentes em programas de rádio portugueses constituídos por telefonemas de ouvintes que entram diariamente em antena, em período noturno, para dialogar com o locutor de rádio, procedemos à análise dos rituais verbais que contribuem para a manutenção da relação de poder institucional que se estabelece entre os interactantes do discurso na rádio. O presente texto considera as dimensões sequenciais e interativas dos atos de discurso, analisando as estratégias discursivas realizadas pelos locutores de rádio e pelos ouvintes que entram na emissão e que têm como objetivo não só o equilíbrio interacional com a salvaguarda da face, mas também a persuasão. Regularmente nestes contextos institucionais, os ouvintes realizam produções discursivas com um dispositivo conversacional específico do oral e com fenómenos linguísticos que revelam o envolvimento conversacional dos participantes na interação: hesitações, sobreposições da fala, repetições, diminutivos, intensificadores do discurso e narrativas de experiência de vida. Os locutores de rádio fazem a gestão do fluxo de progressão temática estabelecendo e zelando pela manutenção da coerência através da realização de intervenções de continuidade e da produção de sequências de pergunta-resposta. Estes são aspetos que contribuem para a manutenção da *ordem interacional* das emissões de rádio em análise e para a consolidação da relação interlocutiva.

KEY-WORDS:
illocutionary act;
discourse strategy;
radio phone-in programmes;
face work;
footing

ABSTRACT: Taking as reference a *corpus* of verbal interactions available in five Portuguese radio broadcasts constituted by phone calls from listeners that, during the night period, go daily on air in order to dialogue with the radio host, we will analyse the verbal rituals that contribute to the maintenance of the relation of institutional power established between the interactants. The paper considers the sequential and interactive dimensions of speech acts, analysing the discourse strategies accomplished by the radio hosts and by the listeners that participate in the radio broadcast in order to achieve a balanced interactional relation that involves saving face,

as well as persuasion. Regularly, in these institutional settings, listeners use conversational devices that are specific of oral interaction, along with linguistic phenomena that reveal the conversational involvement of the participants in interaction: hesitations, speech overlap, repetitions, diminutives, discourse intensifiers and narratives of life experience. Radio hosts manage the flux of thematic progression, establishing and looking after coherence with the realisation of interventions of continuity and the production of answer-question sequences. These are all aspects that contribute to the maintenance of the *interactional order* on the radio broadcasts under analysis and that help consolidating interactional relations.

1. INTRODUÇÃO

O enfoque teórico e metodológico deste trabalho é orientado por uma perspetiva semântico-pragmática da organização e do funcionamento do discurso que se realiza no contexto institucional de programas de rádio portugueses. Deste modo, demonstraremos que as práticas discursivas presentes nestas interações são o reflexo do contexto dos Media (Charaudeau, 1984; Bell, Garret, 1999; Scannell, 1991) e são determinadas pelo jogo de recíproca influência que existe entre locutor e alocutário.

Tomando por referência um *corpus* constituído por interações verbais realizadas em cinco programas de rádio portugueses (Almeida, 2012) com uma clara matriz dialogal permitida pela antena aberta a ouvintes que telefonam para os programas de rádio e que podem assim interagir com os locutores destes programas (“*radio phone-in broadcasts*”), consideraremos, nesta *conversa institucional* (Heritage; Greatbatch, 1993; Boden; Zimmerman, 1993), os atos de discurso e as estratégias discursivas que são realizadas com o objetivo de manter a *ordem interacional* (Goffman, 1981) em situação. Analisaremos os fenómenos discursivos que revelam o *envolvimento conversacional* (Tannen, 2001: 157; Gumperz, 1982: 2-3) dos participantes no *jogo verbal* e verificaremos de que modo se constrói o *poder* nestes contextos interacionais (Hutchby, 1996a; Hutchby, 1996b): as repetições lexicais e sintáticas, a produção de reguladores discursivos, as *estratégias de alinhamento* como as intervenções de continuidade, as pré-sequências e a construção de *identidades discursivas* (Antaki; Widdicombe, 1998; Zimmerman, 1998) são algumas das práticas discursivas que denotam que o *espaço interacional* (Gumperz, 1989a: 9), construído nestes programas, é fortemente ritualizado.

2. O DISCURSO DE PERSUAÇÃO DOS MEDIA: PODER, RITUAIS VERBAIS E IDENTIDADES DISCURSIVAS EM CONVERSAS NA RÁDIO

Os Media constituem uma fonte relevante para a constituição de *corpora* (Charaudeau, 1984; Bell; Garret, 1999; Scannell, 1991; Hutchby, 1996a, 1996b; Wortham; Locher, 1996; Thornborough, 1997: 157) e permitem diferentes análises linguísticas do discurso que aí ocorrem.

No presente estudo, consideraremos algumas produções discursivas de ouvintes que telefonam para a rádio e que estão recolhidas e integradas no *corpus* de Almeida (2005; 2012)¹.

Tendo por base uma *perspetiva semântico-pragmática* (Verschueren, 1998: 236) de análise da organização e do funcionamento dos discursos proferidos no contexto interlocutivo das conversas telefónicas na rádio, analisaremos, no presente trabalho, a construção de uma imagem do locutor de rádio e do ouvinte, considerando a organização enunciativa deste discurso e o modo como se estabelece uma relação alocutiva e causativa entre os interactantes destas conversas específicas. Nestes contextos, os interlocutores põem em funcionamento um discurso específico com a realização de um dispositivo argumentativo de convocação de uma *doxa* partilhada pela *comunidade de discurso* (Gumperz, 1989a), característica de uma *tomada de posição* ideológica (Bourdieu, 1979) que se faz através de uma argumentação no discurso.

Com efeito, no contexto de programas de rádio constituídos por telefonemas de ouvintes que entram em antena para participar na análise do tema em discussão ou para, simplesmente, dialogarem com o(a) locutor(a) de rádio, assiste-se a uma tomada de posição dos interlocutores que visa *efeitos de poder* (Foucault, 1994: 233). De acordo com M. Foucault, as relações de poder são realizadas através do modo como os interlocutores assumem o seu discurso na comunicação interativa:

É preciso distinguir as *relações de poder das relações de comunicação* que transmitem uma informação através de uma língua, um sistema de signos ou através de outro meio simbólico. Sem dúvida, comunicar é uma certa maneira de agir sobre o

1. O *corpus*, recolhido e informatizado por nós, reúne 479 “ouvintes”/participantes (Almeida, 2005), caracterizados pelos parâmetros sexo, região do país e grupo socioprofissional. Estes participantes fazem parte de cinco programas de rádio, realizados em período noturno: Bancada Central (= BC) da TSF (1998, das 21h às 22h); Clube da Madrugada (= CM) da Antena 1 (2001, das 2h às 6h da manhã); Boa Noite (= BN) da Rádio Renascença (1998, das 0h às 2h); Estação de Serviço (= ES) da Rádio Renascença (2001, das 2h às 5h da manhã) e Tempo de Antena (= TA) da Antena 1 (2001, das 3h às 4h da manhã).

outro ou os outros. Mas a produção e o colocar em circulação elementos significativos podem ter por objetivo ou por consequência *efeitos de poder* (...) (Foucault, 1994: 233; tradução e itálicos nossos).

Considerando que a construção do sentido na interação é determinada pela *intercompreensão parcial*, não havendo uma coincidência entre os modelos de produção e de interpretação de cada um dos locutores (Kerbrat-Orecchioni, 1986: 13-19), é compreensível que a comunicação seja um fenômeno relativo e gradual, havendo sempre uma dissimetria entre Locutor e Alocutário na medida em que são indivíduos histórica, social, ideológica, cultural, situacional e biologicamente modelados e condicionados (Fonseca, 1992: 278-279). Assim, o locutor produz a significação num contexto individual, porque vinculado às suas mundivivências, ao seu sistema ideológico de avaliação do mundo e, por sua vez, o alocutário descodifica o que o locutor “quer dizer” (Grice, 1989: 91)² no contexto da sua mundivivência. Como os cálculos interpretativos do alocutário são hipotéticos, porque suscetíveis de ser cancelados pelo locutor no decurso da interação, a interpretação que o alocutário faz do discurso do locutor é um processo ativo e dinâmico. Toda a comunicação constitui, assim, uma *negociação dos sentidos dados* pelo locutor:

Faz parte do universo de saberes *supostamente partilhados* pelos interlocutores um sistema de referência e de avaliação do mundo que permite aos falantes avaliar positivamente, ou negativamente, os conteúdos das suas produções discursivas (Fonseca, 1992: 316, itálicos nossos).

Nos contextos interativos de programas de ouvintes que telefonam para a rádio para conversarem com o(a) locutor(a), verificaremos que a construção da *ordem interacional* (“footing”, Goffman, 1981) se faz através de um conjunto de *rituais verbais* que os participantes no *jogo verbal* (Goffman, 1981) demonstram conhecer e pôr em funcionamento. Os participantes ocupam “posições interacionais” (Goffman, 1973) ou “lugares interacionais” (Kerbrat-Orecchioni, 2004: 16) que decorrem destes contextos institucionais e, por isso, realizam eventos comunicativos específicos.

2. Grice (1989: 91-96) fala de “querer dizer Não Natural” para todo o enunciado em que o locutor tem a intenção comunicativa de fazer interpretar/compreender algo e tem a intenção de que a sua enunciação seja reconhecida pelo alocutário.

Os participantes que assumem a sua vez de elocução neste contexto de programas de rádio têm, pois, uma estratégia de argumentação que visa a *persuasão* e é reveladora de uma tomada de posição específica em relação a um tópico ou assunto em discussão. Faz parte desta estratégia argumentativa do discurso a convocação de *identidades discursivas* (Boden; Zimmerman, 1993), *localmente construídas* (Antaki; Widdicombe, 1998), pelos ouvintes que participam nestes programas de rádio e a realização de sequências iniciativas e reativas específicas nos momentos principais da interação na rádio: abertura, desenvolvimento e fecho (Almeida, 2012).

Deste modo, na análise do discurso interativo realizado no contexto radiofónico específico, consideraremos, a nível global, a coerência pragmático-funcional do discurso que resulta das relações sequenciais e interativas que os atos de discurso estabelecem. Consideraremos assim o “recorte do *rumo discursivo*” (Fonseca, 1992: 316) ou coconstrução do sentido (Charaudeau, 1991, 2002; Schiffrin, 1995) que, neste contexto institucional, possibilita a “arquitetura de intersubjetividade” (Heritage, 1989: 27, tradução nossa). A nível local, estudaremos a seleção, operada pelos participantes, das *estratégias comunicativas* (Gumperz, 1982) nos momentos principais do discurso: abertura, desenvolvimento e fecho.

3. A RITUALIZAÇÃO DAS PRÁTICAS DISCURSIVAS NA RÁDIO: A CONVERSA COMO EVENTO TERAPÊUTICO DE PARTILHA

A análise da organização estrutural das interações verbais permite delimitá-las em sequências principais constitutivas do *texto conversacional* (Kerbrat-Orecchioni, 1998: 275). Mesmo quando as interações revelam digressões temáticas (desvios), os participantes, através do seu saber partilhado e das imagens que constroem uns dos outros, reconstituem, reinterpretam-nas, reorientam o discurso com o objetivo de fazer a progressão temática. Atente-se na seguinte afirmação de C. Kerbrat-Orecchioni (1998):

(...) les interactions *sont* organisées et structurées. Elles le sont plus ou moins, selon leur degré de ‘formalité’ – mais même les conversations à bâtons rompus, avec leur parcours capricieux et sinueux, qui parfois se perd dans les sables d’incessantes digressions, n’échappent pas à la règle d’existence de règles sous-tendant leur progression (Kerbrat-Orecchioni, 1998: 275-276).

A gestão do “fluxo de progressão temática” (Traverso, 1996) faz-se com base na compreensão mútua das práticas discursivas que cabem aos interactantes realizar. Os locutores de rádio estabelecem, na sequência de abertura, o estatuto do ouvinte que entra na emissão, atribuindo-lhe ora uma identidade de “ouvinte em primeira visita” ou “ouvinte do estrangeiro” (ou ouvinte da linha 1 e 2, por exemplo), trazendo-o para o “quadro participativo” (“participatory frame”, Thornborrow, 2001: 463), ora com uma identidade de “expert” (Almeida, 2012: 151), realizando muitas vezes uma pré-pergunta³ (“pre-question framing”, Thornborrow, 2001: 465), através da qual o locutor de rádio nomeia os ouvintes, regularmente, identificando-os com o parâmetro profissão ou com a referência a uma “história vivida” que estes tenham para contar. Um traço característico da participação dos ouvintes na abertura é o facto de estes últimos fornecerem informações adicionais acerca da sua própria identidade e do seu estatuto. Estas identidades são relevantes para o que vão dizer de seguida: “Eu como padre...”, “Na minha qualidade de Professora...”, “Como mãe de uma adolescente...”.

Autores como R. Fitzgerald e William Housley (2002), no âmbito dos métodos da Análise Conversacional, referem que esta forma de construir identidades discursivas consideradas relevantes para o tema das interações faz parte dos modos do *pensar comum* dos atores sociais: “[The] common-sense reasoning, displayed by members when describing the world (...)” (Idem: 581). A esta forma de categorizar a realidade, estes autores chamam de “membership categorization analysis” (Fitzgerald e Housley, 2002: 580). Esta categorização é sequencialmente implicativa, porque relevante para as ações discursivas que se seguem na interação (Fitzgerald e Housley, 2002: 581). A necessidade de o ouvinte participar nas emissões convocando uma identidade discursiva faz parte do que os autores da Análise Conversacional chamam de

3. As “pré-perguntas” são “pré-sequências” (Rodrigues, 1998: 118) que não raro permitem o estabelecimento do estatuto de “expert” dos participantes. Atente-se na seguinte pré-pergunta: “*Você não é padre? Qual é sua opinião acerca de ...? Para uma análise das pré-sequências, cf. Almeida (2012: 220).*”

“ser uma pessoa comum”. A este propósito, David Clifford Giles (2002) refere que a audiência (o público) dos programas de rádio e de televisão é perspetivada como *comum*:

Its rhetorical force is essentially what Sacks (1992: 216) refers to as ‘[doing] being ordinary’. It sets the participants up as ‘normal’ members of the public at a recognizable stage in a conventional – and idealized – life narrative (Giles, 2002: 610).

Nos programas de rádio constituídos por telefonemas de ouvintes, os participantes apresentam as “categorias de pertença” de “locutor de rádio” e “ouvinte” que são relevantes para a organização e o funcionamento das emissões: “This category [‘caller’], together with the category ‘host’ operates within a relational pair within the device ‘parties to a radio phone-in’ (other categories could include ‘listener’, and ‘technicians’)” (Fitzgerald e Housley, 2002: 585). A categoria “locutor(a) de rádio” apresenta precisamente certos tipos de ações específicas que a definem: realizar uma introdução sobre o tema da emissão, produzir sequências iniciativas prototípicas de abertura como o ato de convocatória seguido do movimento de saudação (cf. Almeida, 2012), iniciar uma sequência discursiva de pergunta-resposta, zelar e estabelecer pela manutenção de coerências interdiscursivas (Almeida, 2012: 75), gerir o sistema de alternância da vez de elocução (Almeida, 2012: 118) e, por fim, realizar sequências iniciativas de fecho das interações (Almeida, 2012: 171) e gerir a transição entre os eixos de sentido delineados nas narrativas dos ouvintes (Almeida, 2011) são alguns dos dispositivos discursivos realizados pelo locutor de rádio.

Os locutores de rádio podem também solicitar aos ouvintes uma opinião “a favor” ou “contra” um determinado tópico da emissão, transformando-os em ouvintes “a favor” ou “contra” o tópico em análise – “(...) a topic-opinion category” (Fitzgerald e Housley, 2002: 592) –, ou podem, como referimos anteriormente, apresentar os ouvintes considerando as identidades relevantes para o tópico em questão, como as indicações da idade e profissão, por exemplo (Almeida, 2012: 134-138). Neste último caso, trata-se de uma apresentação do ouvinte que exige uma experiência pessoal e válida para o tópico em análise (Thornborrow 2001; Almeida, 2005; 2012).

As conversas na rádio em análise têm uma forte *componente terapêutica* com o estabelecimento de uma cumplicidade entre os interlocutores – membros de uma “comunidade de pensamento” (Gumperz, 1989b)⁴ –, revelada pela partilha de vivências, experiências, emoções. Estas interações permitem demonstrar que locutor e alocutário se influenciam mutuamente, na e através das interações, modificando os seus estados epistémicos, emocionais e comportamentais (Fonseca, 1992).

Deste modo, é nosso objectivo analisar as estratégias conversacionais, os dispositivos linguísticos que uma comunidade de discurso particular – o grupo de ouvintes que, por via telefónica, interage com os locutores de cinco programas de rádio – utiliza para produzir um “sentido compartilhado”.

Tendo como objeto de estudo o estatuto e o poder nas interações verbais de uma comunidade particular, analisaremos o modo como os interactantes usam as estratégias conversacionais e “os mecanismos linguísticos para demarcar significados e relações sociais e interpessoais” (Diamond, 1996: 2).

Atentemos em excertos de um dos programas de rádio que ilustra a exposição de um tema íntimo (da vida familiar) de um ouvinte:

(1) Programa: BN; Data: 12/11/98; Tema: “Perder um filho”; Ouvinte nº. 471, feminino, Porto

Ouvinte - (chorando) amor dum homem é diferente de amor dos filhos. E eu queria que os meus filhinhos estivessem vivos. Porque além disso agora há três meses que este me morreu, eu fui daqui com ele com este pr’ali prò Hospital [...], na ambulância de paramédicos e depois a doutora, eu a ver o meu filho já nas portas da agonia, e a doutora virou-se prà outra “ai é droga, então dá-lhe (...) dá-lhe (...).

Se a senhora visse como eu fiquei, já de mim sou maluca, eu então virei-me a ela, eu disse: “senhora doutora não é uma, não é ninguém, é um monstro, porque a senhora

4. A propósito da noção de “community of the mind”, Gumperz refere que, na análise dos estudos de uma comunidade urbana específica, utiliza um método interpretativo: “O método interpretativo no estudo da linguagem urbana” (Gumperz, 1989b).

hoje fala com de barriga cheia, de hoje amanhã pode ser pior na sua vida”. Isso não são coisas e eu se não fosse tão depressa a minha filha vir, a do meio, e a minha nora, que trabalha lá no Hospital, podia ter a certeza senhora doutora, eh eh eh assim assim, olhe enganei-me menina, peço desculpa, eu disse eu eu fazia das minhas. Fazia sim senhora qu’elas ela merecia, que não são coisas que se digam. Basta a gente agora na SIC fazer aquelas coisas daqueles pedidos por telefone qu’a nossa ajuda e afinal não sei pra quem é o dinheiro, não sei, só sei qu’é mais a fama qu’os da sida têm do qu’aqueles que são que têm o dinheiro, tá a compreender menina.

Neste excerto, a ouvinte produz um discurso claramente emotivo. A primeira asserção de lamento expressa um desejo irreal: “E eu queria que os meus filhinhos estivessem vivos”. Para além do uso do diminutivo com valor afetivo (“os meus filhinhos”), a realização das asserções seguintes revela um texto conversacional construído progressivamente com repetições lexicais e sintáticas, momentos de choro e hesitações: “eh eh eh assim assim, olhe enganei-me menina, peço desculpa, eu disse eu eu fazia das minhas”. Na intervenção da ouvinte, ocorre ainda um discurso principal e um discurso relatado justapostos com enunciados em discurso direto pertencentes a diferentes locutores, o que constitui uma característica do discurso oral (Nascimento, 1987).

O facto de esta ouvinte de rádio não respeitar, em alguns segmentos, a máxima da pertinência de Grice constringe a locutora a proceder a uma reorientação do rumo discursivo com a clarificação do que está a ser relatado pela ouvinte. Esta reorientação é feita através da realização de atos de pergunta.

A locutora de rádio procede assim ao cálculo de uma implicatura conversacional e realiza um ato de pergunta direta que constringe à resposta do tipo “sim”/ “não”. Trata-se de uma forma de sistematizar o problema da ouvinte e de tornar claro o que é dito perante o auditório deste programas. Estas perguntas diretas constituem pedidos de confirmação:

(2) Programa: BN; Data: 12/11/98; Tema: “Perder um filho”; Ouvinte nº. 471, feminino, Porto

→Locutora - O seu filho eh... tinha tinha sida?

Ouvinte (chorando) - O meu, tinha sim senhor, tanto um como o outro.

→Locutora - Portanto eram toxicodependentes, não é?

Ouvinte (chorando) - Eram sim. Um já era doente, num desastre que teve no Colégio dos Órfãos, aos seis anos e meio, e depois ficou-me assim doente. Teve várias vezes no Hospital, há coisa de três anos e meio, começou-se a meter na droga derivado a um também que já faleceu e agora sucessivamente aconteceu-me este, que já andava desde este, que morreu agora com trinta e três anos, andava já desde os catorze anos com uma moça, com quem ele namorava, qu'era a maior agente da droga que vendia e ao mesmo tempo, é uma vida muito triste...

A segunda intervenção de resposta da ouvinte no exemplo (2) apresenta diversos fenómenos específicos reveladores do “envolvimento conversacional” (Gumperz, 1982: 2-3; Tannen, 2001: 157) da ouvinte de rádio na conversa em curso. Verificamos a ocorrência de um dispositivo discursivo próprio do discurso oral e comum em discursos emotivos: assiste-se à repetição de um segmento deixado em suspenso, porque foi referido demasiado cedo e tem de ser retomado mais à frente. Esta retoma constitui um procedimento característico do discurso oral (Nascimento, 1987): o segmento “que já andava desde este” é retomado por “andava já desde os catorze anos com uma moça”:

Neste enunciado específico ocorrem *intensificadores* do discurso (Almeida, 2016: 33) que remetem para o que Derek Edwards (2000) chama de “Extreme Case Formulations” (ECFs). Com efeito, não raro os interactantes realizam formulações intensificadoras do seu discurso, como a produção de segmentos no grau superlativo de superioridade: “qu'era o maior agente da droga”. Estes intensificadores permitem a avaliação do que é dito legitimando-o (Edwards, 2000: 369).

Em sobreposição da vez de elocução com o enunciado da ouvinte, a locutora de rádio realiza uma asserção-resumo que procura demonstrar a compreensão do problema daquela, consti-

tuindo uma asserção característica do discurso terapêutico específico de uma *voz autorizada e especializada* para o produzir:

(3) Programa: BN; Data: 12/11/98; Tema: “Perder um filho”; Ouvinte nº. 471, feminino, Porto

Locutora - Portanto, não tem sido fácil, não é C.

Ouvinte (chorando) - agora, não faz não faz uma pequena ideia.

Os enunciados em simultâneo (a sublinhado) demonstram o “envolvimento dos participantes” e a “colaboração” que se estabelece entre estes últimos (cf. Tannen, 1989). A locutora de rádio realiza intervenções de continuidade e, com estas estratégias discursivas de alinhamento (“footing”), explicita os sentidos deixados implícitos pelo discurso da ouvinte, procedendo ao estabelecimento de uma reorientação dos rumos discursivos com o objetivo de esclarecer o auditório sobre o modo como o tópico ou assunto está a ser abordado. Este dispositivo de reorganização do discurso (ou discursivização) demonstra o quadro enunciativo trilógico (Müller, 1995) que se constrói nestes programas de rádio: o locutor, os ouvintes e o auditório.

Com efeito, perante a emoção expressa pela ouvinte, a locutora de rádio tem a tarefa de clarificar o que é dito: alguns enunciados têm de ser explicitados para que o auditório possa compreender o “universo do discurso” em referência, como se pode verificar através dos sucessivos atos de pergunta feitos pela locutora.

A asserção-resumo “Portanto, não tem sido fácil, não é C.” constitui uma estratégia de a locutora de rádio procurar proceder ao *desaceleramento do fluxo de progressão temática* do discurso da ouvinte e de poder assim acalmar a emoção e o desespero que esta última revela.

A dificuldade de realizar esta *desaceleração* está patente na produção do enunciado da ouvinte:

(4) Programa: BN; Data: 12/11/98; Tema: “Perder um filho”; Ouvinte nº. 471, feminino, Porto

Ouvinte (chorando) - agora, não faz não faz uma pequena ideia. Não podia ir ao cemitério, não podia ir a banda nenhuma. Agora Deus que me deu a vontade de força com este me tem chamado, por muito mau que ele fosse para comigo, coitadinho, mas ele era, não era dele era de... ai... ai... ai... (choro sufocado)...

No exemplo (4), a ouvinte aciona dispositivos linguísticos próprios de um discurso emotivo, como as repetições de segmentos, o uso de diminutivos e a realização repetida de interjeições que coocorrem com o choro.

A locutora realiza, de seguida, um ato de pedido que visa acalmar a ouvinte:

(5) Locutora - C. acalme-se um bocadinho vá.

Dado o tema da conversa, o discurso é claramente emotivo, com muitas repetições lexicais e semânticas⁵:

(6) Programa: BN; Data: 12/11/98; Tema: “Perder um filho”, Ouvinte nº. 471, feminino, Porto

Ouvinte (continuando a chorar) - e depois eu vou ao cemitério eu às vezes na rua eu pareço uma tola a gritar. Eu saio daqui de madrugada ao ouvir o programa das senhoras daí e vou por aqui para gritar por aqui por (...) eu ando no autocarro grito, choro, porque não sei...

Em sobreposição da vez de elocução, a locutora de rádio repete o ato de pedido:

(7) Programa: BN; Data: 12/11/98; Tema: “Perder um filho”, Ouvinte nº. 471, feminino, Porto

Locutora - C. ouça ouça...

Ouvinte (sempre chorando) - eu vou ao cemitério parece que o vejo, vou a qualquer lado parece que o vejo, eu estou aqui em casa parece que eu estou a falar, que o estou a ver, a falar pra ele...

A locutora repete o ato de pedido que só é ratificado na segunda intervenção da ouvinte:

5. Jennifer Coates (1996) refere que o discurso revela a emoção dos participantes quando estes realizam intervenções com inúmeras repetições de vária ordem: lexicais, sintáticas, semânticas e pragmáticas.

(8) Programa: BN; Data: 12/11/98; Tema: “Perder um filho”, Ouvinte nº. 471, feminino, Porto

→Locutora - Ouça-me um bocadinho, ouça-me um bocadinho, acalme-se um bocadinho...

Ouvinte (continuando a chorar) - só queria que alguém me estivesse a ouvir qu'era pra escrever pra lá...

Locutora - Estamos todos a ouvir.

Ouvinte (sempre chorando) - (...) político muito (...) era só isso qu'eu qu'ria também. Diga minha santa?

A disponibilidade demonstrada pela ouvinte, através do enunciado com estrutura interrogativa “Diga minha santa?” em (8), permite à locutora realizar uma sequência preliminar:

(9) Programa: BN; Data: 12/11/98; Tema: “Perder um filho”, Ouvinte nº. 471, feminino, Porto

→Locutora - Eu queria-lhe pedir o seguinte.

Ouvinte - Diga?

Locutora - Por aquilo que me conta tem... tem todas as razões e mais alguma para estar de facto eh... muito emocionada obviamente, até porque mesmo antes dos seus filhos falecerem não deve ter sido fácil, com tudo aquilo que me contou, mas eh... tem que tentar pensar em si agora um bocadinho também porque por ele já não pode fazer nada infelizmente.

A intervenção “Eu queria-lhe pedir o seguinte” é um pré-pedido que configura uma estratégia discursiva de reorientação do “rumo discursivo” (Fonseca, 1992) da interação. Com esta pré-sequência, há a preparação do que se vai dizer, constituindo uma estratégia de persuasão e uma forma de salvaguardar a face negativa da ouvinte, atenuando/mitigando a invasão do território que o ato com o valor ilocutório de conselho vai constituir para o alocutário: “tem que tentar pensar em si agora um bocadinho também”. Uma vez que se trata de um ato

não solicitado pela ouvinte, a face negativa desta última é mais ameaçada. Por isso, a locutora realiza procedimentos discursivos de atenuação com o uso de “um bocadinho” que constitui um mitigador que incide na modalidade epistémica, reduzindo as obrigações epistémicas do locutor (Caffi, 2000) que produz a asserção com o valor indireto de conselho. Regularmente, verificamos também que a sequência de justificação – “porque por ele já não pode fazer nada infelizmente” – ocorre depois de atos ameaçadores, permitindo atenuar/mitigar a ameaça da face negativa do alocutário que é invadida com um ato de conselho não solicitado.

A ouvinte dá continuidade ao seu discurso emotivo que viola, em alguns segmentos, a máxima da pertinência de Grice (1975), levando-a a acrescentar outros assuntos que a locutora de rádio e o auditório têm dificuldade em interpretar:

(10) Programa: BN; Data: 12/11/98; Tema: “Perder um filho”, Ouvinte nº. 471, feminino, Porto

Ouvinte - Porque, eu ainda vou-lhe dizer mais esta. Eu fiquei assim com a chantagem derivado a uma coisa que eu fui depois a uma audiência, aquele Senhor Presidente da Câmara do Porto, ele ainda por cima por eu lhe dizer as verdades ele proibiu-me as minhas audiências camarárias ao fim de cada mês, terças-feiras de cada mês.

Perante a violação da máxima de pertinência operada pela ouvinte, a locutora de rádio prepara, de imediato, o *fecho* da emissão, realizando assim uma sequência de *pré-fecho* com estratégias de delicadeza negativa (de evitação da ameaça da face), como o ato de pedido de desculpa seguido de um ato de justificação, atos produzidos num enunciado simultâneo: “Ó C. vou vou ter que ficar por aqui, peço imensa desculpa que eu tenho mais alguém em linha pra conversar ainda um bocadinho antes desta hora”. No *fecho*, a locutora de rádio, com o objectivo de acalmar a ouvinte, realiza ainda um ato de conselho seguido de uma saudação de despedida: “Tente acalmar-se, um beijinho grande pra si”.

Nos programas de rádio que visam realizar a chamada “psicoterapêutica dos problemas dos ouvintes” (Gaik, 2002), a locutora de rádio realiza atos de pergunta para orientar o rumo

discursivo da emissão, como podemos observar no excerto de uma outra interação sobre o mesmo tema de emissão:

(11) Programa: BN, Data: 12/11/98; Tema: “Perder um filho”, Ouvinte nº. 472, feminino, 77 anos, primeira vez que fala.

→Locutora - Que idade é qu’ ele tinha?

Ouvinte - porque o meu filho foi morto.

→Locutora - Que idade é que tinha o seu filho?

Ouvinte - Tinha catorze anos, estava no liceu, era um belíssimo aluno, eu nunca paguei nada, tinha sempre bolsas de estudo, pronto, não era meu. Foi Deus que mo quis levar por ele ser bom, penso eu, não sei.

A reiteração da pergunta revela o seguinte padrão específico do discurso terapêutico (Gaik, 2002: 286):

(a) Pergunta;

(b) Resposta insuficiente para os objectivos da conversação;

(a) Repetição da pergunta;

(b) Resposta mais esclarecedora.

4. AS NARRATIVAS DE EXPERIÊNCIA DE VIDA NA RÁDIO: A COCONSTRUÇÃO DO SENTIDO ENTRE LOCUTOR DE RÁDIO E OUVINTE

Regularmente, os ouvintes destes programas noturnos na rádio prosseguem o seu discurso, produzindo uma pequena “narrativa de experiência de vida” com o recurso ao Pretérito Perfeito em ligação com o Pretérito Imperfeito (tempos da “ramificação deíctica”):

(12) Programa: BN; Data: 12/11/98; Tema: “Perder um filho”; Ouvinte nº. 472, feminino, 77 anos, primeira vez que fala.

Ouvinte - Eu fui uma revoltada durante muitos anos, talvez quinze anos, eu não podia ouvir falar em santos, em nada, porque realmente revoltei-me muito. De maneira, depois fui internada em Júlio de Matos, que me fizeram uma descarga sanguínea, onde fui tratada com o maior carinho, que não sabiam o que m’haviam de fazer.

É próprio das narrativas realizadas oralmente a passagem para o presente da enunciação (T0). Atentemos no fecho da narrativa anteriormente apresentada:

(13) Programa: BN; Data: 12/11/98; Tema: “Perder um filho”; Ouvinte nº. 472, feminino, 77 anos, primeira vez que fala.

Ouvinte - De maneira que, agora morreu-me o marido há dezasseis anos e estou completamente só.

Regularmente, nas “narrativas de experiência de vida”, ocorrem expressões que remetem para uma referência irreal:

(14) Programa: BN; Data: 12/11/98; Tema: “Perder um filho”; Ouvinte nº. 472, feminino, 77 anos, primeira vez que fala.

Ouvinte - Porque s’eu tivesse oportunidade tinha mandado direto mas ainda era nova não podia mandar mas não, não consegui.

No exemplo (14), a oração condicional está no pretérito imperfeito do conjuntivo (“s’eu tivesse oportunidade”) que coocorre com uma oração no pretérito-mais-que-perfeito (tinha mandado”) e com um enunciado, com valor resultativo, no pretérito perfeito (“mas, não não consegui”), reforçando o valor de irreal destas condicionais.

Relacionado com este tipo de realizações dos tempos verbais, Fernanda Irene Fonseca (1994a: 31) refere que o emprego do imperfeito do conjuntivo está ligado à expressão da ordem, do desejo e do lamento em enunciados que apresentam a ocorrência independente deste

tempo. Com efeito, no exemplo acima apresentado, o imperfeito do conjuntivo exprime o lamento e, pelo facto de constituir uma oração subordinada condicional, ligada a uma oração subordinante com o verbo conjugado no mais-que-perfeito, diz respeito ao plano *inatural, irreal* desta série de tempos (Fonseca, 1994b). Ana Maria Brito refere que este tipo de oração condicional constitui um exemplo de uma “*oração condicional contrafactual ou irreal*” (Brito, 2003: 708). Estas orações são condicionais contrafactuais ou irreais:

(...) porque estabelecem relações entre proposições que se verificam em mundos alternativos ao mundo real. No intervalo de tempo relevante, a negação do antecedente verifica-se no mundo real, sendo sempre possível acrescentar à proposição antecedente a sua negação” (Brito, 2003: 708).

Como exemplos desta possibilidade de acrescentar à proposição antecedente a sua negação, Ana Maria Brito apresenta o seguinte: (11’) Se tivesse chovido em Portugal, mas não choveu,...; (12’) Se o Sol girasse à volta da Terra, mas não gira, ... (Brito, 2003: 708).

No exemplo em análise, o enunciado “Porque s’eu tivesse oportunidade tinha mandado directo mas ainda era nova não podia mandar mas não, não consegui” apresenta uma “condicional irreal do passado” que remete para um intervalo de tempo passado num mundo ocasionalmente contrafactual.

De seguida, a ouvinte e locutora de rádio constroem um universo de discurso comum com marcadores discursivos de acordo:

(15) Programa: BN; Data: 12/11/98; Tema: “Perder um filho”; Ouvinte nº. 472, feminino, 77 anos, primeira vez que fala.

Ouvinte - É uma dor muito grande, é um vazio que se perde, é um vazio que nunca mais é preenchido. Já lá vão quarenta e três anos D..

→Locutora - Exatamente.

→Ouvinte - e o meu coração está em aberto. É verdade. Portanto...

A locutora de rádio, neste excerto, demonstra a compreensão do discurso da ouvinte com a realização de perguntas de pedido de confirmação:

(16) Programa: BN; Data: 12/11/98; Tema: “Perder um filho”; Ouvinte nº. 472, feminino, 77 anos, primeira vez que fala.

Locutora - Mas teve que o encontrar depois, não é?

Estas perguntas de pedido de confirmação constituem estratégias discursivas desenvolvidas pelos interlocutores para demonstrar a compreensão e revelar a partilha dos sentidos. Esta partilha demonstrada permite dar continuidade aos eixos de sentido delineados:

(17) Programa: BN; Data: 12/11/98; Tema: “Perder um filho”; Ouvinte nº. 472, feminino, 77 anos, primeira vez que fala.

→Locutora - temos que nos confrontar às vezes com muitas dificuldades, não é. Mas o que é facto P. é que... temos que aprender a viver com aquilo que a vida nos oferece. Nem sempre é fácil mas mal de nós se o não conseguirmos, não é?

A demonstração da colaboração na construção do discurso é revelada pela realização de enunciados produzidos em simultâneo:

(18) Programa: BN; Data: 12/11/98; Tema: “Perder um filho”; Ouvinte nº. 472, feminino, 77 anos, primeira vez que fala.

Locutora - É uma forma de se sentir útil.

Ouvinte - talvez seja o meu filho que me dá ajuda pra eu ter tanto amor e tanto calor. Não posso ver uma criança, que me agarro a ela, porque não tenho neto. Tenho muita pena de não ter tido um neto.

A locutora de rádio realiza ainda asserções com valor axiológico positivo (comentários avaliativos) que permitem a partilha e a terapia pelo discurso:

(19) Programa: BN; Data: 12/11/98; Tema: “Perder um filho”; Ouvinte nº. 472, feminino, 77 anos, primeira vez que fala.

Locutora – P, eh... mas está a ajudar outras pessoas que precisam de si. Também é importante...

Ouvinte - Sim.

Locutora - eh... e isso já é meio caminho andado.

Estas asserções permitem estabelecer o acordo na interação e assim preparam o fecho da interação:

(20) Programa: BN; Data: 12/11/98; Tema: “Perder um filho”; Ouvinte nº. 472, feminino, 77 anos, primeira vez que fala.

→Locutora - Muito obrigada por ter vindo, por ter conversado um bocadinho conosco e... e continue a ajudar os outros, pelo menos é uma forma da P. se sentir útil também, não é?

Ouvinte - E eu sei que há tantas tantas a passarem o mesmo que nós...

→Locutora - Pois há.

Ouvinte - e não é regozijar mas é sempre ver que está tanta gente a sofrer a nossa dor.

Locutora - Vamos ficar mesmo por aqui eh... nesta conversa. Depois das das notícias da uma nós voltamos a conversar. Até já.

Ocorre, assim, a estrutura prototípica deste momento da interação: [Agradecimento intensificado] seguido do [Ato de Saudação] no fecho. Este fecho demonstra a colaboração conjunta do sentido e a completude interacional e interativa do discurso (Roulet, 1985) é feita com a consolidação da relação intersubjetiva.

5. CONCLUSÃO

As trocas triádicas no *discurso institucional* de rádio apresentam um dispositivo discursivo que

ALMEIDA, CARLA; *Rituais verbais, poder e identidades discursivas: estratégias discursivas de consolidação da relação interlocutiva em programas de rádio*
Verbal rituals, power and discursive identities: discursive strategies of consolidation of the interlocutive relationship in radio broadcasts
REDIS: REVISTA DE ESTUDOS DO DISCURSO, Nº 7 ANO 2018, PP. 10-35

obedece a padrões de organização sequencial: o sistema de revezar-se é por norma feito por heterosseleção e a gestão das trocas interacionais é feita pelo locutor de rádio que realiza estratégias discursivas de seleção da vez e procede ao estabelecimento de coerências semântico-pragmáticas interdiscursivas. A construção de *identidades discursivas* (Antaki; Widdicombe, 1998) e/ou *identidades situadas* (Zimmerman, 1998) constitui uma forma de ancorar o discurso institucional num falar vivido e autêntico com um valor de persuasão que decorre do carácter testemunhal do que se diz.

Com efeito, os ouvintes destas emissões produzem um discurso emotivo com elementos discursivos que denotam o *envolvimento conversacional*: hesitações, reformulações e sobreposições de fala são alguns destes elementos. Irrompem ainda nestes discursos “narrativas de experiência de vida” e/ou “narrativas interativas” que são fruto de um trabalho colaborativo entre locutor de rádio e ouvinte, revelando a partilha de um *saber comum* e a consolidação da relação interlocutiva.

REFERÊNCIAS

- Almeida, C. A. (2005). *Discurso radiofónico português: padrões de organização sequencial, actos e estratégias de discurso, relações interactivas e interlocutivas*. Dissertação de Doutoramento em Linguística, especialidade Linguística Portuguesa, Universidade Aberta.
- _____(2011). Aspectos semânticos e pragmáticos da co-construção de identidades discursivas em narrativas de experiência de vida produzidas por participantes de emissões nocturnas de rádio. In A. Costa et al. (orgs.) *Textos Seleccionados, XXVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL, pp. 35-48.
- _____(2012). *Construção da Ordem Interaccional na Rádio: Contributos para uma análise linguística do discurso em interacções verbais*. Porto: Afrontamento, Biblioteca das Ciências Sociais/Plural, ISBN 978-972-36-1324-7.
- _____(2016). Dispositivos linguísticos de atenuação e de intensificação: estratégias retórico-argumentativas de persuasão. *Revista Portuguesa de Humanidades – Estudos Linguísticos*, 20 (1), pp. 25-50.
- Antaki, C.; Widdicombe, S. (eds.) (1998). *Identities in talk*. London: Sage.
- Bell, A. & Garret, P. (ed.) (1999). *Approaches to media discourse*. Oxford: Blackwell.
- Boden, D.; Zimmerman, D. (eds.) (1993). *Talk and social structure: studies in ethnomethodology and conversation analysis*. Oxford: Blackwell Publishers.
- Bourdieu, P. (1979). *La Distinction*. Paris: Minuit.
- Brito, A. M. (2003). Subordinação adverbial. In Mateus, H. et al., *Gramática da língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho, pp. 695-728.
- Caffi, C. (2000). Aspects du calibrage des distances émotives entre rhétorique et psychologie. In Plantin, C. et al. (orgs.). *Les émotions dans les interactions*. Lyon: Presses Universitaires de Lyon, pp. 89-104.
- Charaudeau, P. (ed.) (1984). *Aspects du discours radiophonique*. Paris: Didier.
- _____(1991). Introduction: contrats de communication et ritualisations des débats télévisés. In Brunetière, V. et al., *La télévision. Les débats culturels 'apostrophes'*. Paris: Didier Érudition, pp. 11-35.
- _____(2002). A communicative conception of discourse. *Discourse studies*, vol. 4, 3, pp. 301-318.
- Coates, J. (1996). *Women talk. Conversation between women friends*. Cornwall: Blackwell.

Diamond, J. (1996). *Status and power in verbal interaction. A study of discourse in a close-knit social network*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.

Edwards, D. (2000). Extreme case formulations: softeners, investment and doing nonliteral. *Research on language and social interaction*, 33, 4, pp. 347-373.

Fonseca, J. (1992). *Linguística e Texto/ Discurso - teoria, descrição, aplicação*. Lisboa: Ministério da Educação/ Instituto de Cultura e Língua Portuguesa.

_____ (1996). O discurso de Corte na Aldeia de Rodrigues Lobo - O Diálogo I. In *Revista da Faculdade de Letras do Porto - Línguas e Literaturas*, vol. XIII, pp. 87-145.

_____ (1994a). Subjonctif et impératif. Une contribution à l'étude de la configuration linguistique du SOUHAIT, de l'ORDRE, du REGRET et du REPROCHE. In Fonseca, F.I. *Gramática e pragmática, estudos de linguística geral e de linguística aplicada ao ensino do português*. Porto: Porto Editora, pp. 29-36.

_____ (1994b). O perfeito e o pretérito e a teoria dos níveis de enunciação. In Fonseca, F.I. *Gramática e pragmática, estudos de linguística geral e de linguística aplicada ao ensino do português*. Porto: Porto Editora, pp. 37-58.

Foucault, M. (1994). Le sujet et le pouvoir. In *Dits et Écrits (1954-1988)*, IV, Gallimard, Bibliothèque des Sciences Humaines.

Fitzgerald, R.; Housley, W. (2002). Identity, categorization and sequential organization: the sequential and categorical flow of identity in a radio phone-in. *Discourse & Society*, vol. 13, 5, pp. 579-602.

Gaik, F. (2002). Radio talk-show therapy and the pragmatics of possible worlds. In A. Duranti & C. Goodwin (eds.) *Rethinking context. Language as an interactive phenomenon*. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 271-289.

Giles, D.C. (2002). Keeping the public in their place: audience participation in lifestyle television programming. *Discourse and society*, vol. 13, 5, pp. 603-628.

Goffman, E. (1981). *Forms of talk*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.

_____ (1973). *La mise en scène de la vie quotidienne*, 1, 2, Paris, Les Éditions de Minuit.

Grice, H. P. (1975). Logic and conversation. In P. Cole & J.L. Morgan (eds.) *Syntax and semantics 3: speech acts*. New York: Academic Press, pp. 41-58.

_____ (1989). Querer dizer. In J.P. Lima (org.) *Linguagem e acção - da filosofia analítica à linguística pragmática*. Lisboa: Apáginastantas, Coleção Materiais Críticos, pp. 89-105.

- Gumperz, J. (1982). *Discourse strategies*. Cambridge: Cambridge University Press.
- _____(1989a). *Engager la conversation: introduction à la sociolinguistique interactionnelle*. Paris: Minuit.
- _____(1989b). *Sociolinguistique interactionnelle. Une approche interprétative*. La Réunion: L'Harmattan.
- Heritage, J. (1989). "Current developments in conversation analysis" in D. Roger & P. Bull (ed.). *Conversation: an interdisciplinary perspective*. Clevedon: Multilingual Matters, pp. 21-47.
- Heritage, J.; Greatbatch, D. (1993). On the institutional character of institutional talk: the case of news interviews. In Boden. B.; Zimmerman, D. (eds.) *Talk and social structure: studies in ethnomethodology and conversation analysis*. Oxford: Blackwell Publishers, pp. 93-137.
- Hutchby, I. (1996a). Power in discourse: the case of arguments on a British talk radio show. *Discourse and society*, vol. 7, 4, pp. 481-497.
- _____(1996b). *Confrontation talk. Arguments, asymmetries and power on talk radio*, New Jersey, Lawrence Erlbaum Associates.
- Kerbrat-Orecchioni, C. (1986). *L'implicite*. 2ème édition. Paris: Armand Colin.
- _____(2004). Introducing polylogue. In *Journal of pragmatics*, vol. 36, 1, pp. 1-24, 2004.
- _____(1998). *Les interactions verbales. I.*, 3ème édition. Paris: Armand Colin, 1998.
- Müller, F. E. (1995). Trilogue et 'double articulation' de la conversation radiophonique. In Kerbrat-Orecchioni, C. & Plantin, C. (orgs.) *Le trilogue*. Lyon: Presses Universitaires de Lyon, pp. 201-223.
- Nascimento, M. F. B. (1987). *Contribuição para um dicionário de verbos do português. Novas perspectivas metodológicas*. Lisboa: Centro de Linguística da Universidade de Lisboa/ INIC.
- Rodrigues, C. C. (1998). A sequência discursiva pergunta-resposta. In Fonseca, J. (org.) *A organização e o funcionamento dos discursos. Estudos sobre o Português. Tomo III*. Porto: Porto Editora, pp. 11-220.
- Roulet, E. et al. (1985). *L'articulation du discours en français contemporain*. Berne Francfort S/ Main: Peter Lang.
- Scannell, P. (ed.) (1991). *Broadcast talk*. London: Sage.
- Schiffrin, D. (1995). *Approaches to discourse*, Oxford, Blackwell.

ALMEIDA, CARLA; *Rituais verbais, poder e identidades discursivas: estratégias discursivas de consolidação da relação interlocutiva em programas de rádio*
Verbal rituals, *power and discursive identities: discursive strategies of consolidation of the interlocutive relationship in radio broadcasts*
REDIS: REVISTA DE ESTUDOS DO DISCURSO, Nº 7 ANO 2018, PP. 10-35

Tannen, D. (1989). *Talking voices: repetition, dialogue and imagery in conversational discourse*. Cambridge: Cambridge University Press.

Tannen, D. (2001). The relativity of linguistic strategies: rethinking power and solidarity in gender and dominance. In Wetherell, M. *et al.*, *Discourse theory and practice. A reader*. London: Sage, pp. 150-166.

Thornborrow, J. (1997). Introduction. In *Text*, vol. 17, 2, pp. 157-160.

Thornborrow, J. (2001). Authenticating talk: building public identities in audience participation broadcasting. In *Discourse studies*, vol. 3, 4, pp. 459-479.

Traverso, V. (1996). *La conversation familière. Analyse pragmatique des interactions*. Lyon: Presses Universitaires de Lyon.

Wortham, S.; Locher, M. (1996). Voicing on the news: an analytic technique for studying media bias. *Text* 16, 4, pp. 557-585.

Verschueren, J. (1998). El regreso de la Pragmática al significado: comentarios sobre la dinámica de la comunicación, los grados de prominencia y la transparencia comunicativa. In Royo, L.M. & Whittaker, R. *Poder – decir o el poder de los discursos*. Madrid: Arrecife, Ediciones de la Universidad Autónoma de Madrid, pp. 235-279.

Zimmerman, D. H. (1998). Identity, context and interaction. In Antaki, C. & Widdicombe, S. (eds.) *Identities in talk*. London: Sage, pp. 87-106.

